

# O desenho e a arte industrial

Rui Barbosa

MINHAS SENHORAS

MEUS SENHORES

QUANDO O FLUIDO DE UMA IDÉIA PODEROSA impregna o ambiente, em solenidades como esta, indiferente é a personalidade do orador: não sei explicar de outro modo a nomeação da minha incompetência para o encargo e a honra da palavra nesta festa magnífica. Qualquer, em tais ocasiões, pode ser o intérprete de todos. De um fragmento de treva, como o carvão, que é, digamos assim, a humildade mesma, a física faz brotar, com todos os seus prestígios e deslumbramentos, o jorro luminoso da chama que Franklin arrebatou às nuvens do céu. Dos esplendores dessa maravilha, a que princípio, a que força atribuireis a glória? À substância trivial, inerte, sombria como a própria obscuridade que prestou a sua matéria à composição dos elétrodos? Não; ao elemento mágico, origem de movimento, de calor e de luz, cuja corrente, misteriosa no seu curso, irrompe como um foco sideral na extremidade obscura e passiva do condutor. Em momentos como este dir-se-ia que a tribuna oferece a imagem moral do arco voltaico. A individualidade, medíocre, ou nula, do orador desapareceu, como elemento ínfimo do carvão nos pólos da lâmpada inflamada. Há, não obstante, fenômenos de irradiação; há clarões; há relâmpagos; há estremecimentos; mas tudo isso é a alma dos grandes auditórios; é a incandescência das comoções superiores; é a eletrização da atmosfera pelo espírito; é a centelha imponderável dos altos sentimentos humanos; é a civilização, a pátria, ou a humanidade, que se agita, sob o fluido irresistível das inspirações desinteressadas.

Bem-vindo o meteoro radiante e purificador! No meio da indiferença que gela a nossa nacionalidade, alguma coisa dir-se-ia ter este espetáculo da calma exuberância de uma aurora boreal doirando as solidões polares. O que nos conforta, porém, aos que ainda

esperamos, é que, contra a esterilidade derramada sobre o torrão pátrio pelas influências dirigentes, há, na obra desta instituição e na fisionomia desta assembléia, alguma coisa mais; um como fuzilar benéfico de céu tépido do estio, aljofrado das primeiras gotas de água restauradora, sobre a terra fatigada e sedenta.

O homem que concebeu a idéia deste instituto criou para o seu país um mundo novo. Nos anais do progresso brasileiro, a justiça lhe assegura um lugar entre os grandes descobridores, entre os antecipadores imortais do futuro. Vós conheceis a odisséia desta "loucura" sublime. Nascida entre desdêns, peregrinou, lutou, esmolou longos anos: subiu a escada do poder indiferente, mais dura, mais avara, mais humilhadora que aquela cuja reminiscência amarga nos versos do Dante; desceu, muitas vezes, despedida como a indigência menosprezível da mendicidade ociosa, ou inútil. Orçamentos e ministros houve, que não tiveram para ela a miséria de três contos de réis – este ridículo, uma gratificação de secretaria. Graças a esta vergonha, mercê de cidadãos sem luz e de governo sem previdência, a sua lâmpada chegou a apagar-se temporariamente para o povo. Mas a fé não lhe desmaiou, a fé que o poeta de *Evangelina* semelha à "flor da bússola", a agulha do caminheiro no oceano sem limites dos prados americanos, "que o dedo de Deus pendeu da vergôntea frágil, para guiar os passos do viajor na desconhecida imensidade do deserto".<sup>1</sup> E venceu. A inteligência começou a repontar de muito longe na esfera oficial. Está ainda no período crepuscular, menos que na antemanhã. Não vem do alto como o raio meridiano do sol. É de baixo que ela parte: da fímbria indistinta do horizonte; das classes em cujo nome se governa,

<sup>1</sup> Look at this delicate plant that lifts its head from the meadow,  
See how its leaves all point to the north, as true as the magnet;  
It is the compass-flower, that the finger of God has suspended  
Here on its fragile stalk, to direct the traveller's journey  
Over the sea-like, pathless, limitless, waste of the desert.  
Such in the soul of man is faith.

(LONGFELLOW, *Evangeline*, Part. The second, IV.)

e que ainda não governam; da reação democrática; daqui, de onde já não suplica: mostra-se e impõe-se, como a divindade antiga: "Et vera incessu patuit dea".

O Liceu de Artes e Ofícios é a encarnação mais eficaz e mais completa deste movimento. Abri os olhos no seio dele, e involuntariamente perguntareis: é o Brasil? Eu ia perguntar: é a rotina? Não. É uma visão realizada. É uma miragem colhida por um gênio. É um oásis no areal. É o futuro. De ora avante, se quiserdes determinar a estatura aos estadistas nacionais, tendes aqui a medida: aferi-os pelo zelo com que tratarem esta casa, – permiti-me dizer-vos: este templo. Por quê? Porque o Liceu encerra em si a fórmula mais precisa da educação popular, e a educação real do povo é a educação da nação. Essa fórmula tem dois termos capitais: a educação pela arte e a educação pela mulher.

Os vinte e seis anos de idade que limitam a existência deste estabelecimento marcam quase exatamente a história da evolução intelectual que ultimamente fez baixar a cultura artística, da região desse Olimpo, inacessível ao vulgo, em que o mantinha um erro canonizado pelos séculos, ao seio de todos, como membro integrante da educação comum. Este resultado, incomparável talvez nos anais da civilização durante o século XIX, é uma conquista das exposições internacionais.

A noção da arte aplicada, como elemento essencial a todos os produtos da indústria humana, não existia, por assim dizer, antes da centúria que atravessamos. A Escola dos Bronzistas Franceses, a Escola Industrial de Tolosa, as de desenho e pintura na fábrica de porcelana de Sèvres e raros institutos mais constituíam, até ao fim do século XVIII, os mais consideráveis, senão os únicos núcleos de educação técnica nesta ordem de estudos, num país, como a França, aclamado, entre todos, como o mais consumado produtor de trabalhos de gosto industrial nos tempos modernos. A instrução artística não revestira esta forma geral. Era ainda um culto mal humanizado, que o ciúme dos levitas vedava à profundidade do trato vulgar. O aspirante à iniciação nos seus mistérios penetrava na tenda do mestre, não para formar sistematicamente a sua vocação, mas para colher a alma do artista esparsa no sacrário da oficina, a sua

intuição, a sua inspiração, o seu estilo pessoal. O público e o operário eram ignorados pela arte.

A Exposição de Londres em 1851 foi o começo da nova era. Ela "fez pela arte, entre os ingleses, o que Sócrates fizera pela filosofia, quando a trouxe dos numes aos homens: ensinou ao povo britânico que a deusa podia habitar sob o teto de qualquer família, como um palácio veneziano". A supremacia inglesa saiu corrida do certame internacional. A sua preponderância política, a sua soberania monetária, a enorme potência mecânica acumulada nas suas fábricas não a salvaram! O colosso recebeu a mais severa das humilhações. A disformidade do ciclope foi desbaratada por uma onipotência impalpável: a do ideal, transmitido à matéria pela mão hábil do artista. Esse revés, porém, foi o começo de uma transfiguração. Magoada, mas resoluta, a grande nação compreendeu a situação inevitável, e resolveu-a. Com raras exceções, as suas indústrias tinham-se assinalado por uma grosseria rudimentar. O país inteiro estremeceu; mas o país estava salvo, como todos os países onde a capacidade governa; porque os homens de Estado ingleses tiveram a fortuna de perceber a causa, sutil, obscura, solapada, mas decisiva, desse desastre. Sabeis o que, na opinião dos ingleses e do mundo, derrotara a Inglaterra? Um *nada*, (aqui, deste alcantil da nossa superioridade, aqui entre nós o podemos dizer), uma causa extravagante, frívola, pueril, aos olhos da gente prática e sábia como nós: o desleixo do ensino do desenho. O governo viu-o; o governo creu-o; o governo proclamou-o; o governo estabeleceu que, para a reabilitação da potestade ferida de Albion, só havia um meio: uma reforma radical do ensino do desenho em todas as escolas. E ali os governos não prometem: anunciam e executam; ali não se adia a satisfação das necessidades públicas; não se ladeiam as questões: encaram-se, estudam-se, resolvem-se virilmente. É um povo; não um armentio de almas. Já nos fins de 1851 se apontavam as medidas. No ano seguinte lançaram-se as primeiras pedras do imenso monumento, de que a Escola de South Kensington, com o seu museu, é o centro, e que consome à Inglaterra somas espantosas. Numa palavra, esse ensino, que até 1852 não existia naquele país, em 1880 se ministrava, nos cursos superiores desse instituto, a 824 alunos, em 151 escolas

de desenho, a 30.239 pessoas, em 632 classes especiais, a 26.646 discípulos e, em 4.758 escolas primárias, a 768.661 crianças.

A história ainda não viu medicina de efeitos mais heróicos. Onze anos bastaram para uma revolução. Quando a França, na exposição de 1862, levantou a cabeça de cima dos seus loiros, fugiu-lhe o sangue às faces. O cetro do gosto vacilava-lhe nas mãos. Os homens competentes deram o grito de rebate de um grande perigo público, vaticinando, para um futuro extremamente próximo, a ruína da influência francesa no mercado industrial, se o exemplo de além-Mancha não despertasse a mais pressurosa emulação no seio do país ameaçado. A exposição de 1867 agravou a iminência da calamidade, obrigando Napoleão III a consignar, do alto do trono, em palavras memoráveis, a seriedade do mal. Ao mesmo tempo, descobria-se que a Áustria, desde 1863, entrara em competência tão brilhante quão intrépida com a iniciadora desse movimento prodigioso. Desde então o contágio benfazejo assenhoreou-se de todo o mundo civilizado. O ensino do desenho inundou a Alemanha, que, ainda entre a embriaguez das suas vitórias de 1871, não se envergonhou de inaugurar uma propaganda oficial, estimulando nessa direção com a primazia artística dos vencidos o brio cívico dos triunfadores. Hoje, o ensino popular do desenho, que em si encerra a chave de todas as questões e de todos os destinos no domínio da arte, é, entre todas as nações cultas, um fato total ou parcialmente consumado. Já se pôde escrever que esse *desideratum* fixa em si *a grande preocupação dos nossos dias*.

Os resultados, de admiráveis, orlam pelo inverossímil. Os povos outrora mais refratários ao gosto e à ciência das aplicações decorativas da arte revelaram aptidões imprevistas. A exposição de 1878 arrancou à França um clamor de alvoroço. Ainda uma vez ela saía da liça dolorosamente impressionada. Todos os gêneros de produção artística suscitavam-lhe competidores formidáveis. A cristaleria inglesa rivalizava com a sua nas qualidades estéticas, ao mesmo passo que se lhe avantajava na beleza da matéria-prima. A vidraria da Boêmia e de Viena inspirava um interesse excepcional; os produtos encantadores e preciosos de Veneza, nesta ordem de trabalhos, não encontravam similares em França. Na classe das tapeçarias a palma coube, por assentimento

unânime dos competentes, aos artistas do Oriente e de Bruxelas. Nas obras de marcenaria, Londres rivalizava absolutamente com Paris, quer quanto à concepção, quer quanto à execução material. Na pintura em vidro, a Inglaterra nada teve que invejar à sua vizinha, já pela inteligência da concepção, já pelo engenhoso do espírito, já pela habilidade do pincel, já pela delicadeza do sentimento do colorido, já pela harmonia do conjunto. Na cerâmica, em geral, e na ourivesaria, os Estados Unidos, cuja indústria, aliás, mais inventiva que artística até então, só em 1870 principiara a receber seriamente o benefício de uma educação técnica, provocaram, com a inesperada concorrência de artefatos admiráveis, uma explosão de entusiasmo. Em suma, a competência estrangeira, nalgumas indústrias de arte, excedia, na maior parte igualava, e nas demais se deixava presumir que não tardaria em desafiar a antiga eminência da pátria ocidental do belo na idade contemporânea. Deste modo, enquanto, por um lado, sentia oscilar a sua glória artística, a França experimentava, por outro, um profundo abalo nos seus interesses mercantis: a exportação entrou a decrescer constantemente, enquanto, ao mesmo passo, a importação avultava em proporções consideráveis, afluindo a disputarem com a França, no mercado nacional, os produtos da arte ádvena.

Ainda uma página, pois, da história humana, para demonstrar que a inteligência e a educação constituem o mais alto de todos os valores comerciais, a nascente mais caudalosa da riqueza, a condição fundamental de toda a prosperidade. Foi assim em todos os tempos. Derramando a arte a plenas mãos é que Péricles reconstituiu Atenas dos desastres da luta com o Oriente; e, quando, entornada a flux, por toda a parte, a atividade artística no seio do povo, o grande homem parecia dissipar os tesouros da república, a democracia ateniense, crescentemente próspera, satisfeita e poderosa, ensoberbecia-se do chefe cuja magnificência liberal fizera do gênio de Fídias, servido pelo gênio popular, o instrumento miraculoso de um predomínio indisputável sobre a terra helênica. Era um capital inalienável, cujos recursos alimentaram até aos últimos dias a vida moral e econômica daquela que ficou sendo, na memória dos homens, a metrópole eterna do espírito e da graça.

Assim também, é em nome do seu comércio periclitante que o patriotismo francês apela energicamente para a vitalidade inexaurível da nação, renascente da catástrofe da última guerra. Uma resolução perseverante impele o Ocidente inteiro a furtar-se à soberania artística da antiga rainha, que desde a Idade Média os subalternizava; os povos menos preparados para essa reação, idealista e econômica a um tempo, porfiam em assimilar às suas idéias, aos seus costumes, às suas necessidades os processos estéticos e os meios de fabricação da arte antiga. Um pouco mais, e a laureada soberana, se não defender com todas as forças a honra na sua posição, copiando o exemplo dos vassalos insurgidos, não tardará em descer à categoria de tributária. Chega a rezear-se a possibilidade de que a exportação, já consideravelmente reduzida, acabe por extinguir-se de todo. Confrontando o decênio de 1846 a 1856 com os doze anos de 1856 a 1868, a exportação de produtos de arte industrial baixou, em França, de 418 a 350 milhões, ou de 35 a 16 por cento sobre a exportação total, enquanto, na Inglaterra, ascendia de 413 a 855 milhões de francos. Se não basta a lição, vêde a Áustria: "*à política econômica de arte*", fundada, em 1864, numa gigantesca escala, com a inauguração do Museu Artístico, deve ela os recursos que a habilitaram a reparar as desgraças do cataclismo financeiro de 1879, que custaram à monarquia a estupenda soma de 2.000 milhões de florins, quase tanto quanto o resgate imposto pela Alemanha ao território francês.

Que agente é esse, capaz de operar no mundo, sem a perda de uma gota de sangue, essas transformações incalculáveis, prosperar ou empobrecer Estados, vestir ou despir aos povos o manto da opulência comercial? *O desenho*, senhores, unicamente, essa modesta e amável disciplina, pacificadora, comunicativa e afetuosa entre todas: o desenho professado às crianças e aos adultos, desde o *Kindergarten* até à universidade, como base obrigatória na educação de todas as camadas sociais. *Um quarto de século* bastou-lhe para revolucionar assim as idéias, e produzir, na face das maiores nações, essas estupendas mudanças.

Bem ides vendo, senhores: não é possível estar dentro da civilização e fora da arte. Não que pretendamos ressurgir a Grécia, erguer em cada cidade a Acrópole e o

Hecatômpedos, elevar todos os espíritos até à alta idealidade do gênio ático. Atenas não se reproduz: o seu papel é ficar sendo para todos os tempos uma purificadora do gosto, um arquétipo inimitável da beleza plástica, na estatuária e na escultura, como na lira épica. A pureza inalterável daquela objetividade que lhe caracteriza as maravilhas da inspiração no estro e no cinzel não se pode comunicar à índole da civilização moderna. Nem o fim da educação contemporânea pela arte é promover individualidades extraordinárias, mas educar esteticamente a massa geral das populações, formando, a um tempo, o consumidor e o produtor, determinando simultaneamente a oferta e a procura nas indústrias do gosto. A faculdade de sentir, admirar e gozar o belo existe virtualmente em todas as almas; é, em todos nós, apenas questão de cultivo. A arte não tem por missão exclusiva cingir com o friso panatenaico a frontaria do Partenon. Ela aformoseia a utilidade: tem para as mais modestas condições humanas o toque de uma sedução; compraz-se no colossal esplendor da Atené Prómacos, ou na beleza inefável da Vênus de Milo, como na concepção singela do mais humilde objeto de uso comum. As linhas de um artefato ordinário podem revelar o dedo de um artista. Utensílios que datam das boas épocas da antiguidade, um cântaro, uma lâmpada, uma ânfora comum, do mais baixo valor intrínseco, impressionam, todavia, pela pureza das formas, pela formosura do traço. Nos produtos de serventia mais usual, os gregos imprimiam estilo e distinção. A indústria daquele povo divino, que elevou a simplicidade até o sublime, não conheceu a vulgaridade, ainda nas ínfimas produções do trabalho. Quando a influência das oficinas de Fídias animava, em Atenas, de uma vida superior a arte industrial, a inspiração do mestre comunicou-se aos mínimos artigos de invenção ática: sob a aparência insignificante do mais pobre vaso de *terracota*, por entre o mais singelo relevo de uma sepultura desprezível, sobressai sempre o sentimento da correção plástica, a nitidez da execução, a serenidade perfeita e a dignidade moral que caracterizam as criações fidianas. O contato de um povo educado há de gravar em todas as coisas, ainda nas de menos estima, o selo artístico da sua originalidade. Nos objetos mais familiares a importância da mão de obra culta sobreexcede incomparavelmente o preço do material: a cada um o seu caráter de beleza própria, em que a orientação do gosto se alie à conveniência prática do seu destino.



As leis do belo ajustam-se a todos os graus da fortuna. Essa aristocracia do espírito, que o gosto pressupõe, não depende absolutamente da riqueza, mas da elevação das impressões, da nobilitação do sentimento, da inteligência delicada das relações entre o indivíduo e o mundo exterior, condições que tornam compatível com a mediana das classes laboriosas. É uma réstea de luz, que o luxo reproduz de prisma em prisma nos paços suntuosos do argentário, mas que penetra e acaricia com toda a doçura da sua claridade a casa sóbria do homem de trabalho.

Eis a arte que hoje celebramos aqui: aquela que dignifica as necessidades mais habituais da nossa passagem pela terra; que irradia sobre todos os momentos da nossa vida; que se dedica à felicidade da maioria dos homens: a arte aplicada... Certo não serei eu quem conteste o princípio da unidade superior da arte. Entre a arte aliada à cultura industrial e as belas-artes, não há distinção substancial, não há divisória insuperável, não há heterogeneidade. Nem a Grécia, nem Roma, nem a Renascença conheceram essa demarcação. Fídias reflete-se nos artefatos do último oleiro ateniense, como nas colunas do Partenon, na face augusta de Zeus, ou na dignidade inexprimível de Atené. "Pertence à indústria, ou à arte, Lourenço Ghiberti, o fundidor de bronze, Benvenuto Cellini, o ourives, Bernardo Palissy, o oleiro, Pénicaud, o esmaltador, Pinagrier, o vidreiro, Boule, o ebanista?" A indústria, nos nossos dias, utiliza, nas suas mais finas criações, o gênio e a habilidade artística no mais elevado grau. Entre esses dois domínios, que se discriminam simplesmente por uma gradação de matizes, há uma dependência indissolúvel: não é possível aparelhar o artista para as artes industriais, "sem aproximá-lo, até certo ponto, da vereda que conduz à grande arte".

Na essência, pois, as belas-artes e as artes industriais são duas naturezas homogêneas e homorgânicas. Todavia, não se lhes confundem os papéis. Uma olha a efeitos superiores: é o fim de si mesma; paira independente nas regiões do ideal. A outra tende a esparzir o belo nos hábitos mais freqüentes da existência humana. Uma não se entrega, senão a uma família necessariamente mais ou menos limitada de espíritos distintos; a outra não se recusa a ninguém. Uma repele a convencionalidade; imita

livremente, nas suas concepções, as formas na natureza. Na outra, cuja lei é tratar como simples *motivos* as aparências gerais da criação, estilizando-as em tipos de beleza, a tendência naturalística exprime a incapacidade do artista e a sua estranheza aos métodos históricos.

Eis a arte aplicada. É como um talismã a sua influência: improvisa, nos Estados que a esposam, a mais deslumbrante opulência; exerce, nos concursos internacionais da indústria, a mais irresistível das fascinações; cria a independência e a dignidade das classes operárias, espalha a suavidade do conforto e da elegância nas nossas casas; perfuma o coração, e sublima o espírito da mulher; faz mais adoráveis as nossas mães, faz mais angélicas as nossas filhas, faz mais amáveis as companheiras da nossa vida. Franqueia, na Escola Superior de South Kensington, uma classe especial ao cultivo dos trabalhos de agulha; e, sob a sua inspiração, apurada no estudo da natureza, o mais vulgar dos utensílios familiares, convertido num instrumento de fadas, requinta o afeto do ninho doméstico, do *home* inglês, desabotoando jasmims e madressilvas, entretecendo de acácias e murta, esparzindo de fruto e flores, tapeçando de relva, de pássaros, e arvoredo o interior satisfeito, amorável, caricioso do lar, onde as virtudes cívicas se nutrem à sombra das asas da família. Ao seu toque as próprias asperezas do inverno ártico desencantam-se em poesia; e os cristais da neve fornecem à indústria uma das mais gentis maravilhas da renda: o *ponto de neve*, cujas formas geométricas, de uma notável beleza intrínseca, de uma infinita variedade, parecem estender, na gaze dos cortinados, a brancura da geada, onde vem poisar, iludido, o raio do sol estival, como asa de borboleta, ou afulvar-se, na estação dos gelos, a chama alegre do fogão. Ao próprio barro comunica o espírito e a eternidade. Enquanto as obras mais ambiciosas do homem desaparecem; enquanto as múmias dos conquistadores egípcios desfazem-se em pó, do solo da Grécia, das colinas de Tebas, das cinzas de Pompéia a cerâmica antiga, cuja idade se conta por dezenas de séculos, nobilitada pelo gosto nos objetos de uso mais comuns, imperecíveis na sua fragilidade, vem narrar-nos, ainda hoje, o nome dos seus artistas, a fama dos possuidores das suas obras; e, depois de dar o seu nome, em Atenas, ao subúrbio onde os atenienses estabeleceram a necrópole dos seus heróis, cemitério glorioso, cujas colunas representavam a história

completa das campanhas áticas, como, por uma eloqüente aliança entre a imortalidade e a argila, para significar a onipotência divinizadora do gênio e da arte, vem maravilhar o mundo, nas exposições universais, com os produtos deliciosos da olaria japonesa, incomparável na originalidade do desenho, no frescor e na pureza do colorido, na graça de interpretação da natureza, na harmonia das linhas, na riqueza irriante das tintas. A arte, a verdadeira arte enfeixa nas mãos, e sabe comunicá-las à bilha do obreiro, como à taça do milionário, à terra cozida, ou ao oiro, todas as qualidades com que cada século, cada raça, cada estado de civilização têm contribuído para os tesoiros inexauríveis do espírito infundido à matéria pela inteligência humana: a serena castidade dos gregos, a segurança e o vigor dos etruscos, a inventividade cintilante dos persas, a coloração mágica dos chineses, os efeitos impressionantes da decoração japonesa, a graça engenhosa das combinações árabes, a abundância luxuriante dos italianos, o mimo dos arabescos de Rouen e Nevers, a elegância senhoril da antiga Sèvres. — Afaga com a mão criadora a rijeza do carvalho, do ébano, da noqueira; e a fibra nodosa da madeira desentranha-se em racimos de flores, arregança-se em festões de hera, reproduz aos sentidos enfeitiçados a meiguice da ave, a tenrura do botão, a flexibilidade do galho, a maciez da folha, a esbelteza do caule, e aveludado da pétala, a expressão, a vida, o aroma; e, sem esquecer a vivenda austera do trabalhador, com algumas linhas de severa simplicidade, com alguns chanfros nas arestas, com alguns rápidos motivos de gravura, improvisa modelos de marcenaria, onde a precisão, a simetria, o donaire competem com a solidez. Ela ensina aqueles cujo destino é regarem o pão com o suor do seu rosto a ver no trabalho não uma pena, mas um apanágio da espécie humana, descobrindo nas modificações mais imperceptíveis, nos fenômenos mais humildes, nos menos sentidos aspectos do universo, um infinito de belezas inenarráveis, desde a opulência festiva da flora tropical para engrinaldar os berços, até à amiga melancolia do musgo, que alfombra o leito do descanso imperturbável. "Quando já de árvores e plantas não há mais préstimo que nos valha, o musgo carinhoso e o líquen alvadio velam junto da pedra tumular. As selvas, as flores, as ervas dadivosas por algum tempo nos auxiliaram; mas estes servem-nos para sempre.

Arvoredo para o vergel; flores para a alcova nupcial; messes para o celeiro; para o sepulcro, o musgo".<sup>2</sup>

Nesse regaço, risonho para todos como o firmamento azul, todas as paixões se depuram, todos os excessos se corrigem, todas as baixezas se repelem, todas as satisfações se desprendem de egoísmo, todas as tristezas se repassam de benevolência. Dir-se-ia que Goethe não se extasiava noutra imagem senão nesta, na arte, no querido ídolo do seu culto, quando, naqueles versos cuja transparência lembra a atmosfera grega, nos define em Sakontala, a pérola indiana, o mundo inteiro da bondade, da graça e dos prazeres imaculados: "Queres as flores da primavera e os frutos do outono? Queres o que encanta, e arrebatava? Queres o que nutre, e satisfaz? Queres em um só nome abranger o céu e a terra? Nomeio-te Sakontala, e disse tudo!"<sup>3</sup>

Explorada, na média-idade, em benefício das opressões mais ou menos odiosas que esmagaram então o gênero humano, coube ao nosso século de pacificação e de justiça familiarizá-la com os desafortunados, com os pequenos, com os que batalham dia-a-dia pela vida.

"A grande lição da história", diz o maior mestre em assuntos de arte que este século já produziu,

é que, tendo sido sustentadas até aqui pelo poder egoístico da nobreza, sem que nunca se estendessem a confortar, ou auxiliar, a massa do povo, as artes do gosto, praticadas e amadurecidas assim, concorreram unicamente para acelerar a ruína dos Estados que

<sup>2</sup> RUSKIN: *Modern Painters*.

<sup>3</sup> Willst du die Blüthe des frühen, die Früchte des späteren Jahres.  
Willst du, was reizt und entzückt, willst du, was sättigt und nährt,  
Willst du den Himmel, die Erde mit einem Namen begreifen:  
Nenn'ich, Sakontala, dich, und so ist Alles gesagt.

GOETHE, *Antiker Form sich nähernd. Werke*. Ed. de HEINRICH DÜNTZER, 1882, vol. I, 109.

exornavam; de modo que, em qualquer reino, o momento em que apontardes os triunfos dos seus máximos artistas indicará precisamente a hora do desabamento do Estado. Há nomes de grandes pintores, que são como dobres funerários: o nome de Velásquez anuncia o traspasso de Espanha; o de Ticiano, a morte de Veneza; o de Leonardo, a ruína de Milão, o de Rafael, a queda de Roma. Coincidência profundamente justa; porquanto está na razão direta da nobreza desses talentos o crime do seu emprego em propósitos vãos ou vis; e, antes dos nossos dias, quanto mais elevada a arte, tanto mais certo o seu uso exclusivo na decoração do orgulho, ou na provocação da sensualidade. Outra é a vereda que se nos franqueia. Demos de mão à esperança, ou, se preferis, renunciemos à tentação das pompas e louçanias da Itália na sua juventude. Não é mais para nós o trono de mármore, nem a abóbada de ouro; o que nos toca é o privilégio, mais eminente e mais amável, de trazer os talentos e os atrativos da arte ao alcance dos humildes e dos pobres; e, pois que a magnificência das passadas eras caiu pelo exclusivismo e pela soberba, a nossa pela sua universalidade e pela sua humildade se perpetuará. Os quadros de Rafael e Buonarotti deram apoio às falsidades da superstição e majestade às fantasias do mal; a missão, porém, das nossas artes é instruírem da verdade a alma, e moverem à benignidade o coração. O aço de Toledo e as sedas de Gênova só à opressão e à vaidade aproveitaram, imprimindo-lhes força e lustre; às nossas fornalhas e aos nossos teares o destino de reanimar os necessitados, civilizar os agrestes, e dispersar pelos lares cheios de paz a bênção e a riqueza do gozo útil e da ornamentação simples.<sup>4</sup>

Entre nós, porém, senhores, tirante esta exceção esplêndida, que nos transporta ao seio de outra civilização, ainda se não começa a curar deste interesse, vital para a importância política do Estado e para o sossego interior da república. Achamo-nos ainda no período de sermos dirigidos pelas trevas. A tenção de armas dos salvadores da pátria, entre nós, podia bem ser a frase delirante de Ajax, no drama grego: "Obscuridade, ó minha luz!"<sup>5</sup>

<sup>4</sup> RUSKIN: *The two paths*.

<sup>5</sup> SÓFOCLES: *Ajax*.

O Estado ainda não aprendeu outro meio de acudir às crises, e remover os *deficits*, senão endividar-se, e tributar. Solicitai dinheiro para o ensino, e vereis apurarem-vos migalhas. Em palavras, todas as homenagens à instrução popular; nos fatos, uma avareza criminosa. Não é a terra, nem o numerário o que constitui a riqueza das nações, mas a inteligência do homem; eis a lei fundamental da verdadeira ciência das finanças. Aqui, porém, se a teoria admite, a prática a rejeita. O orçamento do ensino cresce gota a gota: tem direito a milhares de contos, e recusam-lhe centenas de mil-réis. Para tudo se contraem empréstimos, e abrem operações de crédito; para a educação do povo, nunca! Não se convencem de que a instrução não tem preço. Os processos científicos de Pasteur descobrem a origem da enfermidade que arruinava a sericultura, instituem os meios de preveni-la; e essa conquista imaterial sobre a ignorância é apontada por Huxley como um dos recursos mais consideráveis de reparação para as brechas financeiras abertas à França pela guerra de 1870. Nem vai nisso hipérbole; porque a moléstia do bicho de seda, em dezessete anos, infligiu ao país uma perda de quinhentos mil contos.

Quanto valerá uma semente capaz de tais frutos?

A indústria queixa-se, e definha. Que remédio lhe aconselham? A instrução? Não! O regímen protetor, isto é, uma combinação de impostos; porque, senhores, sem querer discuti-lo aqui, o caráter predominante da teoria protecionista é, e há de ser sempre, aquele com que o senso comum e a evidência o definem; o protecionismo não passa de uma finta imposta ao consumidor em benefício de uma classe de produtores indígenas. Mas, como quer que seja, nem o protecionismo nem a permutação livre são capazes de criar valores, de melhorar a qualidade dos produtos. Um e outro não são mais que agentes de distribuição, para proporcionar aos valores existentes condições de mercado mais ou menos vantajosas. Qual é, pois, a incógnita desta dificuldade? Responderei com as palavras de um ministro austríaco, o barão Scharz Semborn. Parodiando o dito de um antigo general – que, a respeito da guerra, afirmava "Para vencerdes, três coisas haveis mister: primeira, dinheiro; segunda, mais dinheiro; terceira, ainda mais dinheiro" –, esse estadista exprimia-se assim:

Ao meu ver, cada mestre é um general, um combatente contra a ignorância e a superficialidade. Ora, para mim, tenho a falta de instrução como a raiz de todos os males, que há na terra; e não vejo outro meio de debelá-la senão três coisas: primeiro, instrução; segundo, mais instrução; terceiro, muito mais instrução.

A solução do problema, conseguintemente, é esta: criar a educação industrial.

Mas somos uma nação agrícola. E por que não também uma nação industrial? Falece-nos o ouro, a prata, o ferro, o estanho, o bronze, o mármore, a argila, a madeira, a borracha, as fibras têxteis? Seguramente, não. Que é, pois, o que nos míngua? Unicamente a educação especial, que nos habilite a não pagarmos ao estrangeiro o tributo enorme da mão de obra, e sobretudo da mão de obra artística. Raro é o produto utilizável, seja de mero luxo, seja de uso comum, em que o gosto, a arte, a beleza não constitua o elemento incomparavelmente preponderante do valor. Ora, como nós não produzimos senão matéria bruta, o preço da nossa exportação ficará sempre imensamente aquém da importação de arte, a que nos obrigam as necessidades da vida civilizada. Nenhum país, a meu ver, reúne em si qualidades tão decisivas para ser fecundamente industrial, quanto aqueles, como o nosso, onde uma natureza assombrosa prodigaliza às obras do trabalho mecânico e do trabalho artístico um material superior, na abundância e na qualidade. Na adiantada civilização dos nossos tempos, a indústria é inseparável da agricultura. Tão íntima é a sua afinidade, tão indissolúvel o seu consórcio, que escolas industriais há (na Baviera, por exemplo) onde o ensino agrícola, com o cunho peculiar de arte que lhe cabe, forma uma seção de estudos, entre os cursos professados no estabelecimento. Considerai os Estados Unidos: segundo o recenseamento de 1870, metade (5.922.471) da sua população ocupada (12.505.923) ainda se empregava na agricultura. Cincinnati, a quarta cidade manufatora da União Americana, tem a sua sede no centro de uma imensa região agrícola.

Mal formulada, pois, tem sido, até hoje, a questão, entre nós. Os seus termos são outros, e não consistem senão nisto:

Como havemos de extrair o maior proveito dos nossos recursos naturais, que, posto variados e amplos, não passam de simples bases de riqueza? De que modo lograremos consumir em indústrias domésticas a máxima parte da matéria prima, que o solo nos fornece, multiplicando-lhe a valia ao toque mágico do gosto e da habilidade técnica?<sup>6</sup>

Enunciado assim, o problema não tem solução possível, a não ser a que lhe dá o Liceu de Artes e Ofícios. Criar a indústria é organizar a sua educação. Favorecer a indústria é preparar a inteligência, o sentimento e a mão do industrial para emular, na superioridade do trabalho, com a produção similar dos outros Estados. Cultivada assim, ela encontra em si própria o segredo de vencer: dispensa os obséquios do sistema protetor; descultivada como se acha, os privilégios desse regímen, impondo ao consumo nacional uma indústria sem arte, requintam o odioso da tirania fiscal com a influência desastrosa dos hábitos de grosseria que inoculam no espírito popular.

O dia em que o desenho e a modelação começarem a fazer parte obrigatória do plano de estudos na vida do ensino nacional datará o começo da história da indústria e da arte no Brasil. Se a regra da política entre nós não fosse cuidar, por uma preferência imemorial, do que menos importa ao país, essa data não estaria longe. Semear o desenho imperativamente nas escolas primárias, abrir-lhe escolas especiais, fundar para os operários aulas noturnas desse gênero, assegurar-lhe vasto espaço no programa das escolas normais, reconhecer ao seu professorado a dignidade, que lhe pertence, no mais alto grau de escala docente, par a par com o magistério da ciência e das letras, reunir toda essa organização num corpo coeso, fecundo, harmônico, mediante a instituição de uma escola superior de arte aplicada, que nada tem, nem até hoje teve em parte nenhuma, nem jamais poderá ter, com academias de belas-artes, – eis o roteiro dessa conquista, a que estão ligados os destinos da pátria. Não é uma aspiração do futuro; é uma exigência da *atualidade mais atual*, mais perfeitamente realizável, mais urgentemente instante. Só o não compreenderão os incapazes de perceber a importância suprema da educação popular.

<sup>6</sup> C. B. STETSON: – *Modern Art and Education. American preface*, p. XXVIII.



Permitam os nossos fados que a voz deste dever cale quanto antes no ânimo dos nossos governos. Então só restaria premunirmo-nos contra um perigo, mais grave do que a permanência do *statu quo*. Não se inaugure o desenho no currículo escolar sob o funesto espírito pedagógico de que é presa a instrução nacional entre nós. Somos um povo de sofistas e rétores, nutrido de palavras, vítima do seu mentido prestígio, e não reparamos em que essa perversão, origem de todas as calamidades, é obra da nossa educação na escola, na família, no colégio, nas faculdades. O nosso ensino reduz-se ao culto mecânico da frase: por ela nos advêm feitas, e recebemos inverificadas, as opiniões que adotamos; por ela entranhamos em nós o vezo de não discernir absolutamente a realidade, ou de não discerni-la senão através dessas *Nuvens*, suscetíveis dos mais absurdos amálgamas e das configurações mais arbitrarias, em que a comédia de Aristófanos alegorizava a inanidade e as ilusões da escola dos sofistas no seu tempo. Se a índole dessa pedagogia, indigna de tal nome, invadissem o ensino artístico, antes nunca o houvérámos lembrado! O desenho não é o produto de fantasia ociosa, mas o estudado fruto da observação acumulada. Sem observação, sem experiência, não há desenho. Ele tem a sua coordenação científica; tem a sua classificação necessariamente serial. Esterilizareis todos os vossos esforços, se vos não submeterdes à sucessão normal das suas fases. Que vale debuxar as formas complexas da criação, se não conheceis as formas típicas, os elementos geométricos de toda a beleza? Desenhar a perspectiva, se não tendes a inteligência clara e prática das suas leis? O modelo em relevo, antes de adestrados na reprodução do modelo plano? A figura, antes de versados na ornamentação vegetal? A cópia servil da estampa, em vez da interpretação estilizada dos objetos presentes? Que presta cultivardes a prática, sem possuir inteligentemente os princípios que regem a distribuição da forma e da cor, ou a adaptação delas aos infinitos recursos que nos subministra a natureza nessas duas direções? Que aproveita adquirirdes esses princípios, se a influência de um meio apropriado e a lição viva de espécimens superiores não saturarem de arte a atmosfera da escola?

Mas, cientificamente organizado – cientificamente, porque há hoje uma verdadeira *ciência*, como há também uma *pedagogia*, da arte, – o ensino artístico rasga ao país um infinito de riquezas econômicas e morais.

A civilização grega elevou as artes plásticas à mais fina perfeição na forma, na expressão, na beleza, e estendeu-as aos objetos usuais: mas estes eram então poucos. Hoje os artefatos úteis e decorativos compõem um número inumerável de espécies, e ocupam, no mundo, em uma proporção acentuadamente progressiva, milhões e milhões de artífices, milhares e milhares de artistas. Se a grandeza descomunal das catedrais, dos palácios, dos monumentos antigos já não é a preocupação dominante da arte, um instituto mais nobre, mais moralizador, mais inexprimivelmente cheio de encantos a inspira, a senhoriza, a aproxima do ideal: o de facilitar a todas as classes, debaixo do teto doméstico, num asilo santificado pelos hábitos de pureza, de modéstia, de contentamento, que o gosto, sob as suas mais simples formas, derrama no ambiente, e instila nas almas. Eis o primeiro bem deste movimento.

Depois, a educação industrial representa um dos auxiliares mais eficazes no nivelamento crescente das distinções de classes entre os homens, não deprimindo as superioridades reais, mas destruindo as inferioridades artificiais, que alongam dessa eminência as camadas laboriosas do povo, isto é, elevando a um plano cada vez mais alto a ação e o pensamento do operário. A miopia intelectual é a mais constante geradora do egoísmo. Incuti ao indivíduo hábitos sérios de observação, de disciplina mental, de aplicação racional das nossas faculdades práticas, e o belo, nota universal na harmonia do universo, assumirá o seu domínio absoluto sobre as almas, propagando a fraternidade entre todas as classes, aniquilando todas as concepções de casta e estabelecendo realmente entre todos os homens a igualdade moral, impossível sem o desenvolvimento simétrico de todas as aptidões humanas no indivíduo e na comunidade.

A democracia quase não existe entre nós, senão nominalmente; porque as forças populares, pela incapacidade relativa em que as coloca a ausência de um sistema de

educação nacional, estão de fato mais ou menos excluídas do governo. O ensino industrial, porém, infalivelmente inaugurará a iniciação delas na obra política do Estado. Certamente, a arte é a mais poderosa propagadora de paz. A nenhuma influência humana assiste porventura tanto o direito de enastrar a fronte no ramo da planta simbólica, que a lira grega cantava em estrofes imortais, "a oliveira glauca, nutridora da infância, que desvela os olhos de Zeus e a pupila azulada de Atené".<sup>7</sup> No meio da campanha obstinada que precedeu a guerra peloponésia, os jogos ístmios e os jogos olímpicos interrompiam as hostilidades; e os guerreiros da Hélade, inimizados pela mais sangrenta das lutas civis, depunham as armas, para fraternizar no seio da arte em Elis ou Corinto, cuja hospitalidade se franqueava até às vítimas da proscricção e do ódio intestino. Inimiga inconciliável das pendências fraticidas, das rivalidades cruentas, das paixões rancorosas, dos dilaceramentos civis, a cultura artística do trabalho, porém, é uma infatigável influidora de energia política. Foi durante os tempos da sua mais brilhante florescência na Antiguidade, que se ouviram aquelas grandes palavras de Péricles, na oração fúnebre dos mortos de Potidéia: "Só entre nós se considera o cidadão inteiramente alheio aos negócios públicos, não um homem pacífico, mas uma criatura inútil".

A todos os benefícios, enfim, da cultura artística, divulgada pela educação geral, acresce a ampliação imensa do mercado e a imensa dilatação do círculo dos apreciadores. De uma parte, a instrução nos assuntos de arte, insinuada em todas as escolas, cria em cada indivíduo a necessidade irresistível de consumir esse gênero de produtos; da outra, esses meios múltiplos de contacto entre o artista e o tribunal da opinião abrem aos trabalhos de valor veículos inumeráveis para a reputação e a fortuna. As obras notáveis já não apelam para o público unicamente pela tela, pelo desenho, ou pela escultura original, senão pelos infinitos modos de reprodução industrial que se acumulam em nosso tempo: a gravura, a litografia, a fotografia, a helioplastia, a galvanoplastia, a moldagem sob os seus vários processos. Os que dantes se dirigiam a

<sup>7</sup> SÓFOCLES. – *Édipo em Colona*.

um potentado, a uma corporação, ou a uma cidade, hoje têm por espectadores um país, um continente, ou uma época. Já o merecimento, a originalidade, a distinção não têm o seu destino e a sua liberdade fechados no corrilho de estreitas minorias, ou nas mãos de autócratas incapazes. O gênio não carece mais de inscrever-se cortesão, e a arte já não terá que enrubecer dessas condescendências e gemer essas injustiças,

Culpa de reis, que às vezes a privados  
Dão mais que a mil, que esforço e saber tenham.<sup>8</sup>

Sem dúvida, senhores, "a arte é um reflexo da vida social: esmerada, nobre e original, corresponde à maturidade de uma raça; bárbara, pobre, ou emprestada, indica a decadência de uma nação". E, como certas compleições, eivadas por vícios hereditários ou prematuros, nas quais a juventude se corrompe em uma senilidade precoce, a nossa nacionalidade, em vez das qualidades simpáticas de uma adolescência viril, vai acentuando os mais graves sintomas de uma extenuação geral, que assusta e amargura os amigos reflexivos do país. O cepticismo público, a frieza popular ante os mais sérios interesses da democracia, a inconsciência nacional em presença dos riscos mais temerosos, a incapacidade crescente dos estadistas, o arruinamento sucessivo dos nomes políticos, o descrédito engravescente do poder, a inocência infantil do governo ao pé das complicações mais perigosas, a desestima dos princípios, as deserções de todo o gênero, os compromissos clandestinos explicando os fatos mais solenes, o luxo ridículo e nodado das pequenas fortunas, o uso egoístico e estéril da riqueza, a afilhadagem universal, a postergação acintosa e proverbial do mérito, um mesquinho industrialismo, a indolência, a tibieza, a flacidez de uma anemia profunda e adiantada enchem de sombras a alma dos verdadeiros patriotas. Pensa-se nas gerações vigorosas dos nossos antepassados, e pergunta-se de que modo traspassaremos aos nossos descendentes a sagrada herança da pátria. O coração contrai-se, nesses momentos, em toda a intensidade daquela angústia, mescla de

<sup>8</sup> CAMÕES. – *Lusíadas*, VIII, xiii.

saudade filial, de ansiedade paterna, de dignidade cívica, de incomensurável sofrimento moral, que brame e soluça nos versos do poeta italiano:

Volgiti indietro, e guarda, o patria mia,  
Quella schiera infinita d'immortali,  
E piangi e di te stessa ti disdegna;  
Chè senza sdegno omai la doglia è stolta:  
Volgiti e ti vergogna e ti riscuoti,  
E ti punga una volta  
Pensier degli avi nostri e de' nepoti.<sup>9</sup>

Felizmente, porém, a nação ainda é demasiadamente nova, para não ter em si as forças de retemperar-se. A reação é possível; mas só a educação do povo será capaz de provocá-la e utilizá-la. O Liceu de Artes e Ofícios compreendeu-o; e, para levar irresistivelmente a cura à raiz do mal, fez da instrução da mulher o ponto de partida e o fundamento da cultura das gerações vindouras.

Esta nova face do apostolado que o Liceu iniciou encerra em si todo um poema de esperanças e frutos. Ele absorveria o vosso orador, que já agora mal pode roçá-lo, a fugir, e levemente.

Não há fato mais invariável na vasta extensão da experiência humana do que este: toda a influência social que não tende a elevar, tende a deprimir; se não estimula e exalta o espírito, fatalmente o vulgarizará.<sup>10</sup> Ora, a mais inelutável de todas as influências que atuam sobre a formação da natureza humana, em todos os seus elementos, é a mulher. Mãe, amante, esposa, filha, mestra, ela é a explicação do indivíduo e da sociedade. Os maiores homens, em todos os séculos, deveram as suas primeiras inspirações e os seus primeiros hábitos de pensamento à providência tutelar da sua infância; e, na

<sup>9</sup> GIACOMO LEOPARDI. – [*Sopra il monumento di Dante – Opere* – Leipzig – 1877. – P. 23]

<sup>10</sup> JOHN STUART MILL. – *Dissertations and discussions*. Vol. II, pág. 444.

individualidade mais obscura, a consciência que perscrutar o fundo insondável aos enigmas íntimos da nossa existência e do nosso destino, não descobrirá talvez uma vocação, uma idéia insistente, um sentimento solitário, cujas nascentes não se percam, entre os primeiros anos da vida, no seio de uma mãe. Ao inverso, portanto, do que até hoje se praticava, a cultura da mulher sobreleva em importância à do homem; todos os extremos, todos os sacrifícios, todas as honras do Estado são poucas para a educação feminina, e a proclamação da igualdade dos dois sexos perante o ensino impõe-se como a legenda suprema da nossa propaganda. Eu diria, senhores, que a educação da mulher contém em si a educação do povo, como a terra mãe contém no seio o mundo infinito da vegetação, que a cobre, desde a rasteira gramínea dos prados até às selvas desafiadoras da tormenta. Uma sociedade onde esta reforma ainda não penetrou, dá a lembrar as idades tristes do nosso planeta, antes da primeira expansão da vida floral, quando as plantas ainda vegetavam sem fragrância; quando as primeiras corolas ainda não ofereciam o néctar ambrosíaco das suas taças aos povoadores animados da criação; quando "o oceano de flores da floresta terciária ainda não enlaçava o orbe na sua grinalda". A mulher envolve e domina a esfera humana, como a safira diáfana do firmamento envolve e domina a esfera terrestre.

Que diremos, pois, de uma instituição que alia em si, do modo como aqui as contemplamos, a cultura artística e a cultura feminina? Que essa instituição decifrou o segredo do nosso futuro. A política, a imagem da cegueira neste país, vai passando, a magoar a pátria sob a ponteira do seu bordão ferrado, enquanto as questões, de redor, tumultuam, desdobram impunemente os seus estragos, "como o fogo nos vales onde sopra o vento", <sup>11</sup> para afinal caírem sobre a nação com todo o peso dos seus males imprevididos, no meio da confusão crescente dos interesses, dos princípios, através da qual parece estridular a ironia maligna do demônio da *Divina Comédia*, rindo da imprevidência que não conta com a lógica dos fatos.

<sup>11</sup> SÓFOCLES. – *Ajax*.

Tu non sapesti ch'io loico fossi<sup>11A</sup>

Resta, portanto, à iniciativa individual acordar o país. Neste sentido, o Liceu de Artes e Ofícios é um rasgo de heroicidade moral que inspira aos mais incrédulos uma confiança reanimadora. O nome de Bethencourt da Silva pertence ao número dos beneméritos cuja condecoração incumbe à história. Com ele os seus auxiliares, os entusiastas intrépidos, que se dedicaram à obra deste Evangelho vivo, formam, no horizonte do nosso país, a maior constelação do futuro. Se "o mal ensina o mal",<sup>12</sup> praza aos céus que este bem semeie e reproduza indefinidamente a lição de tão esplêndido exemplo. Apóie-se com firmeza no chão popular. Apele com tenacidade para as classes produtoras. Descreia da velhice incurável, estreitando de dia em dia mais a sua aliança com a mocidade, cujo préstimo o Liceu soleniza na homenagem de hoje, com a mocidade, em cujo seio há batalhadores que podem confundir as caducas pretensões da esterilidade encanecida com a réplica de Hémon na tragédia antiga: "Se sou jovem, julga-me antes pelas minhas ações do que pelos meus anos".<sup>13</sup>

Deste modo chegareis a consumir vitoriosamente o vosso compromisso; e, quando o país realizar a obra da emancipação contra a ignorância, a pior de todas as servidões, caberá ao Liceu de Artes e Ofícios a glória incomparável de ter assentado a pedra angular de um monumento mais forte do que os séculos.

<sup>11A</sup> DANTE, *Divina Comédia*, Inferno 27, 123. No original: "tu non pensavi ch'io loico fosse".

<sup>12</sup> SÓFOCLES. – *Electra*.

<sup>13</sup> SÓFOCLES. – *Antígona*.